

POR UM CONSTRUCIONISMO SOCIAL DE TODOS OS CORPOS: CIS OU TRANS, DE CLIENTES E DE TERAPEUTAS TAMBÉM

PÉROLA SÉRON¹

PEDRO MARTINS²

¹Associação Paulista de Terapia Familiar (APTF), São Paulo, SP, Brasil

²Pesquisador independente

Pensar o campo da terapia a partir de uma orientação construcionista social é navegar uma multiplicidade de recursos e formas de práticas unidos menos pela busca de consensos, e mais pelo interesse em uma epistemologia social do conhecimento que sustente a prática terapêutica. Esse interesse busca dar visibilidade a como chegamos a construir e conhecer o mundo de determinadas maneiras, no contexto de nossas relações e em nosso uso da linguagem. Almejamos somar a nossos repertórios culturais em direção à construção de futuros mais desejáveis, seja para aqueles com quem trabalhamos diretamente, seja para comunidades locais ou discursos sociais mais amplos. Que futuros desejáveis são esses é sempre objeto de disputa. Em lugar da neutralidade, a relevância dos valores é não apenas reconhecida, como também estimada.

A publicação desta entrevista nasceu do desejo de construir uma comunidade de terapeutas construcionistas sociais cada vez mais diversa e comprometida com o pluralismo radical que nos deveria ser próprio. Eu, Pedro, convidei minha ex-aluna, colega respeitada e também amiga, Pérola Séron, para uma conversa sobre sua vivência como a única terapeuta trans que tenho conhecimento na comunidade construcionista social do Brasil. Ao dar visibilidade para a experiência de Pérola em sua localização social única no campo, minha esperança é que outros colegas possam se sensibilizar às questões de gênero, não apenas em suas clínicas e diferentes contextos de atuação, mas também em nossa comunidade profissional. Nossa desejo é que tenhamos um construcionismo social para todos os corpos, sejam eles cis ou trans, tanto de nossos clientes quanto de nossos colegas terapeutas.

Pérola, obrigado por aceitar conversar comigo sobre temas tão pessoais e importantes. Como você gostaria de ser apresentada no contexto desta entrevista?

Meu nome é Pérola Seron. Sou uma mulher trans, psicóloga pelo Centro Universitário do Norte de São Paulo (UNORTE), especialista em terapia de casal e família pelo Instituto de Terapia Familiar de São Paulo. Sou transfeminista e atuo como psicóloga e como supervisora clínica no interior de São Paulo.

De que tenho conhecimento, você é a única terapeuta trans no Brasil no campo do construcionismo social. Como tem sido sua experiência profissional a partir desse recorte?

Sinto que, de um lado, existe a demanda de pessoas trans, por exemplo, buscando por profissionais da psicologia que também sejam trans para psicoterapia. Esse é um recorte marcante da minha prática desde então. Ao mesmo tempo, percebo que existe uma escassez de profissionais que se divulgam como psicólogos trans para poderem ser encontrados e conectados a essa população e, assim, suprir essa falta.

Foi pensando nessa lacuna que idealizei o Projeto Clínica Queer em 2024, que oferece atendimento on-line acessível a toda a comunidade LGBTQIAPN+ e também uma Interlocução de Casos Clínicos, a preço social, aos terapeutas que desejam ter uma escuta politizada e estar sensíveis a questões de gênero, sexualidade, raça e classe que geram mal-estar e prejuízo socioemocional de diferentes ordens para pessoas que experimentam opressões sistêmicas devido a seus corpos considerados desviantes.

Como você se sente recepcionada e acolhida por seus colegas terapeutas? Que desafios você enfrenta ou enfrentou? E que potenciais encontrou nessa comunidade?

Além de trabalhar na clínica privada como autônoma, sou também terapeuta voluntária em 4 instituições ligadas à terapia e/ou ao exercício profissional do psicólogo. Atualmente, três delas são on-line e uma presencial. De modo geral, me sinto legitimada e acolhida por meus colegas terapeutas. Porém, no ano passado, numa dessas organizações, vivi alguns episódios de transfobia. Isso aconteceu quando fui excluída, naquele contexto, dos espaços destinados exclusivamente para mulheres. Sem essa inclusão, não foi possível haver pertencimento e o nosso vínculo profissional foi ferido.

O maior desafio é que, como ouvi numa aula do professor Guilherme Terreri, o Feminismo é um campo que está em disputa. Os “Feminismos” pós-fascistas são fenômenos crescentes no mundo todo e cada vez mais complexos, o que contribuiu com a força dos movimentos de extrema-direita e o aumento da transfobia.

De um lado, os feminismos críticos do gênero e transexcludentes, pensam o feminismo como a luta política das mulheres e advogam por essa mulher biológica, com destino inato, estanque e que, na verdade, trabalham contra o fim da libertação de gênero. De outro lado, o transfeminismo pensa o feminismo como uma organização de luta política e social contra a opressão e violência de gênero, onde o sujeito do feminismo são os corpos violentados por gênero.

Você já era terapeuta antes de sua transição. Se houver, que diferenças você nota com relação a seus clientes? Como aqueles que estavam com você durante a transição lidaram com isso? E clientes novos que chegam?

Eu trabalho como terapeuta desde 2015 e minha transição faz apenas 3 anos. Confesso que não senti essa diferença nas conversas e nas trocas com os clientes. Nenhum cliente me questionou me perguntando coisas do tipo: “Como assim Pérola”? Ou, “Como assim transição de gênero”? Ao invés disso, recebi muito apoio e falas amorosas. Eu me recordo de uma cliente que iniciou a terapia comigo em 2020. Na época da minha transição, em meados de 2022, ela me disse que tinha vindo buscar na terapia um espaço de diálogo e uma parceria de conversa, o que ela sentia que já havia encontrado. Portanto, segundo ela me disse, nada mudou, para ela, com a minha transição de gênero, exceto que a pessoa que estava à sua frente era alguém mais bonita e feliz.

Lembro também de ter ouvido de outros clientes que estavam muito felizes por eu ter feito algo por mim e em prol da minha felicidade. Teve um cliente inclusive que se mostrou genuinamente interessado nesse meu processo e me perguntou qual tinha sido a minha motivação para realizar a transição. Desde então, com os novos clientes que chegaram através de recomendações de confiança, meu consultório não esteve pouco ocupado. Pelo contrário, só cresceu e se fortaleceu ainda mais.

Em outros momentos de conversas, você já me disse que gosta muito de atender pessoas LGBTQIAPN+, mas que não gostaria de ser indicada apenas para trabalhar com essa população. Pode falar um pouco mais sobre isso?

A minha clínica se pretende um espaço marxista pós-moderno. Além de *queer*, ela é antirracista, anticapitalista, feminista e despatologizante. Como terapeuta, eu me vejo mais como uma profissional generalista do que especialista em um determinado tema. Minha especialidade está no processo e nos recursos conversacionais, e não no conteúdo que é trazido pelos clientes. Logo, quando penso na construção da minha reputação como terapeuta, desejo que as pessoas me vejam como uma terapeuta competente e me recomendem para facilitar conversas colaborativas e transformadoras nos mais diversos contextos. Esse entendimento me ajuda a me afastar também dos livros e teorias que embarcam no que chamamos atualmente de *Pink Therapy*, que é uma terapia afirmativa voltada para as especificidades da comunidade LGBTQIAPN+ e que coloca o terapeuta como especialista nos conteúdos que diz respeito a identidade de gênero, orientação sexual, transição de gênero, preconceito, discriminação e violência e tem como objetivo promover autoaceitação e bem-estar emocional.

Como o referencial do construcionismo social te ajuda a pensar as questões da transexualidade no campo da terapia?

Pensar a terapia como uma construção social é saber que nada existe desatrelado do discurso, e que aquilo que vivemos como realidade é uma disputa narrativa, um efeito de nossos usos de linguagem. O nosso vocabulário é político e intercedemos na realidade por meio da linguagem que adotamos. Segundo a transfeminista Letícia Nascimento, é na discursividade que nossos corpos ganham contorno e os papéis de gênero estão atravessados por práticas discursivas, performances e relações de poder que estão dentro de relações coloniais, do patriarcado, do machismo. São esses discursos dominantes de opressão cultural que determinam quem é ou pode ser mulher dentro de um conceito hegemônico. Portanto, a gente precisa romper com esse ideal de “mulher autêntica” e ampliar para o conceito de mulheridades e feminilidades para poder pensar outras experiências, como a de pessoas dissidentes de gênero, pessoas não binárias, *queer* e trans. Precisamos abandonar a lógica de compreender a mulher por uma ótica biológica e heteropatriarcal, e partir para uma compreensão cultural da construção dessa categoria.

Além disso, esse aporte teórico me auxilia a não ser uma terapeuta perversa que compactua com o senso comum de que transexualidade é crime, pecado, doença, piada ou modismo. Ele me ajuda a escapar da binariedade e saber que tudo o que envolve homem e mulher é uma ficção socialmente construída. O construcionismo me faz ainda questionar o discurso médico e o modelo biomédico que criam o que é doença e o que não é – e até hoje localizam no campo do patológico a experiência humana legítima da transexualidade. Ele me mantém alerta para eu não colaborar com organizações corruptas, dominadas pelos interesses econômicos e que servem de instrumento de dominação social.

Ter esse conhecimento de que a linguagem não é asséptica, faz com que haja uma mudança nas opções discursivas das quais lanço mão quando estou numa conversação, e isso é capaz de mudar a minha própria orientação em relação ao meu fazer e ao que estou produzindo junto aos meus clientes.

Para que nossas práticas terapêuticas orientadas pelo construcionismo social se fortaleçam em direção a melhor acolher pessoas trans – sejam elas terapeutas ou clientes – que recado você deixaria para nossos colegas?

Eu gostaria de começar a construir um caminho de resposta para essa pergunta com algo que ouvi num vídeo no canal do Instagram do Jovan Bradley sobre como os adjetivos funcionam. Na locução “mulher trans”, a palavra “trans” é um adjetivo, e esses qualificadores não apagam o significado do substantivo que acompanham; ou seja,

nesse exemplo, o substantivo continua sendo “mulher”. O adjetivo “trans” só descreve o substantivo “mulher”. A palavra “trans” é a abreviação de “transgênero”, uma pessoa cuja identidade de gênero não está alinhada à representação do seu sexo biológico. Sendo assim, uma mulher trans é uma mulher. E um homem trans é um homem. Então, como podemos ser mais inclusivos e acolher toda a diversidade e complexidade das pessoas com as quais trabalhamos sem deixar nenhum corpo para trás?

Ao mesmo tempo, eu acho que faz sentido falar sobre um acolhimento sob medida a pessoas trans neste tempo histórico, no qual estamos presenciando uma onda conservadora em todo o globo e muitos ataques a nós, pessoas trans. A comunidade construcionista nacional e internacional precisa aprender a reconhecer a inadequação de questionamentos do tipo: se fizemos a cirurgia de afirmação de gênero, se temos orgasmos, se o nosso nome é o nome de batismo. É preciso compreender e nomear essas perguntas como transfobia, muitas vezes mascarada de “preocupação”.

Falando ainda sobre a especificidade para melhor acolher pessoas trans. Ano passado, uma mulher trans me contatou pelo meu Instagram, dizendo que estava procurando uma psicóloga trans para trabalhar questões da sua transgeneridade. Ela tinha ouvido falar de mim pelo projeto clínica *queer* e me contou que, nas últimas experiências em terapia com psicólogas cis, ela tinha sofrido diferentes microagressões. Havia sido feitas perguntas a ela como, por exemplo, se ela queria ou não ser “mulher de verdade”, se ela estava confusa ou não, além de errarem seus pronomes. Esses desconfortos a fizeram abandonar a terapia.

Houve também um homem trans que veio encaminhado por uma colega que dizia que não trabalhava com transição de gênero e que sua especialidade era relacionamento. Acredito que um antídoto para esse tipo de conduta seja ir ao encontro às pessoas trans e conhecê-las em seus próprios termos.

Obrigado, Pérola, por nos deixar te conhecer em seus próprios termos e, assim, nos convidar a estarmos mais sensíveis para conhecermos também outras pessoas trans dessa mesma maneira. Há algo mais que gostaria de compartilhar neste momento?

Fico com vontade de deixar algumas provocações que podem ajudar nessa reflexão: quantas pessoas trans já andaram no seu carro? Quantas pessoas trans já almoçaram num domingo na sua casa? Quantas cantoras trans estão na sua *playlist* no Spotify? Já escutou o som da Liniker; da Jaloo; da Linn da Quebrada; da banda As Baías; da banda Magia Negra; da banda Uó? Já assistiu histórias de pessoas trans sendo narradas em séries de TV? Conhece as atrizes trans que atuaram em Pose; Veneno; Vestidas de Azul; Cris Miró (Ela); Laerte-se; Transparent; Tipo isso? Quantas escritoras trans você já leu? Já ouviu falar do livro *Se Eu Fosse Pura*, da Amara Moira? Ou do livro *Transfeminismo*, da Letícia Carolina? Deixo aqui algumas indicações para os leitores da revista e também esse convite ao diálogo e à reflexão de que não é preciso ser trans para ser aliado de pessoas trans e para combater projetos políticos de ultradireita e os discursos das feministas *mainstream* e antigênero.

REFERÊNCIAS

- Bradley, J.** (2020) *Trans Women are Women*. Instagram, 3 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/DCzDm2aoJ-n/>>. Acesso em: 5 de março de 2025.
- CONTRA POINTS.** (2019) *Movimentos Críticos de gênero*. YouTube, 18 out. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1pTPuoGjQsI&t=13s>>. Acesso em: 5 de março de 2025.

Família e Comunidade em Foco - Por um construcionismo social de todos os corpos: Cis ou trans, de clientes e de terapeutas também
Pérola Séron
Pedro Martins

- Freitas, J. L.** (2025) Terfs, movimentos críticos do gênero e feminismos pós-fascistas. *Caderno CRH*, v. 34, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/g3vbmrtGs8xk5SkvZDt6STx/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 5 de março de 2025.
- Nascimento, L.** (2021) *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra.
-

PÉROLA SERON

2^a tesoureira na Associação Paulista de Terapia Familiar (APTF). Psicóloga pelo Centro Universitário do Norte de São Paulo, especialista em terapia de casal e família pelo Instituto de Terapia Familiar de São Paulo, certificada em práticas colaborativo-dialógicas pelo Instituto Movimento de Florianópolis. Atua como psicóloga CRP 06/124530 e supervisora no projeto “Clínica Queer” que oferece escuta e acolhimento à pessoas LGBTQIAPN+. Além disso, é 2^a tesoureira na Associação Paulista de Terapia Familiar (APTF) e psicóloga colaboradora na Comissão de Orientação e Fiscalização (COF) e Comissão de Ética (COE) no Conselho Regional de Psicologia SP.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-7655-2954>

E-mail: perola.tcd@gmail.com

PEDRO MARTINS

Psicólogo pela Universidade Federal de Uberlândia, Mestre e Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Membro associado do Taos Institute. Atua na clínica particular como terapeuta com indivíduos, casais e famílias a partir de uma perspectiva construcionista social. Supervisor clínico e pesquisador independente, tem na clínica um campo fértil de produção de conhecimento. Autor dos livros “Practicing Therapy as Social Construction” (com Sheila McNamee e Emerson Rasera, 2023) e “A Comunicação Dialógica na Prática das Reuniões Familiares em Saúde Mental (com Carla Guanaes-Lorenzi, 2023).

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3513-7352>

E-mail: pedropablomartins@gmail.com